


O uso de *a gente* e de *nós* por estudantes são-tomenses residentes no Brasil


The use of *a gente* and *nos* by são-tomenses students living in Brazil

El uso de *gente* y *nos* por estudiantes de santo tomé residentes en Brasil

Késsio Jhone Lopes da Silva¹

 0000-0001-5099-2907

Cláudia Ramos Carioca²

 0000-0003-0956-2432

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo principal analisar e descrever a frequência de uso dos pronomes de primeira pessoa do plural *Nós* e *A gente* na variedade de Língua Portuguesa São-tomense falada por estudantes são-tomenses no Brasil, o que torna este estudo pioneiro em relação à temática. Nosso trabalho tem como aporte teórico a Sociolinguística Variacionista, conforme Labov (2008), e o *corpus* utilizado para a análise é o disponibilizado pelo grupo Variação e Processamento da Fala e do Discurso: análises e aplicações (PROFALA), do qual utilizamos dados de 20 informantes/estudantes oriundos de São-Tomé e Príncipe. Para a análise utilizamos as seguintes variáveis sociais e linguísticas: Sexo, Tempo de Permanência no Brasil, Preenchimento do Sujeito, Saliência Fônica Verbal, Paralelismo linguístico de nível discursivo e Grau de determinação do referente sujeito. Nossos resultados apontaram que, constatada a existência da variação, os informantes utilizam a variante inovadora (*A gente*) com mais frequência, totalizando 54% das ocorrências. Constatamos, também que, quando o tempo de permanência no Brasil ultrapassava seis meses, o número de ocorrências de *A gente* pelos falantes é maior em número de ocorrências com 58%, confirmando nossa hipótese inicial.

PALAVRAS-CHAVE: Variação; Pronomes de primeira pessoa do plural; São-tomense.

ABSTRACT: The main objective of this study is to analyze and describe the frequency of use of the first-person plural pronouns *Nós* and *A gente* in the variety of São Tomense Portuguese spoken by São Tomense students in Brazil, making this study a pioneer on the topic. Our theoretical framework is based on Variationist Sociolinguistics, as proposed by

¹ Professor efetivo no Ensino Fundamental. Mestre em Estudos da Linguagens (PPGLin – Unilab) e Doutorando em Linguística (PPGL – UFC). Pesquisador no Grupo de Pesquisa Interação e Diversidade Discursiva na Lusofonia (INTERLUS). Email: kessiosilva@aluno.unilab.edu.br.

² Professora do Instituto de Linguagens e Literaturas (ILL) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGLIN) da Unilab. Doutora em Linguística (UFC) e possui pós-doutorado em Políticas Linguísticas (UFC). Email: claudiacarioca@unilab.edu.br.

Labov (2008), and the *corpus* used for the analysis was provided by the research group "Variation and Processing of Speech and Discourse: Analyses and Applications" (PROFALA), from which we selected data from 20 São Toméan students/informants. For the analysis, we considered the following social and linguistic variables: Gender, Length of Stay in Brazil, Subject Expression, Verbal Phonetic Salience, Discourse-Level Linguistic Parallelism, and Degree of Determination of the Subject Referent. Our results indicate that, given the presence of variation, the informants tend to use the innovative variant (*A gente*) more frequently, accounting for 54% of occurrences. We also observed that when the length of stay in Brazil exceeded six months, the number of occurrences of *A gente* increased to 58%, thus confirming our initial hypothesis.

KEYWORDS: Variation, Personal pronouns of the plural form, São-tomense.

RESUMEN: El presente trabajo tiene como objetivo principal analizar y describir la frecuencia de uso de los pronombres de primera persona del plural *Nós* y *A gente* en la variedad del portugués de *Santo Tomé* hablada por estudiantes de *Santo Tomé* y Príncipe en Brasil, lo que convierte a este estudio en pionero en relación con esta temática. Nuestro trabajo se basa en el marco teórico de la Sociolingüística Variacionista, según Labov (2008), y el *corpus* utilizado para el análisis es el proporcionado por el grupo "Variación y Procesamiento del Habla y del Discurso: análisis y aplicaciones" (PROFALA), del cual se tomaron datos de 20 informantes/estudiantes procedentes de Santo Tomé y Príncipe. Para el análisis, se consideraron las siguientes variables sociales y lingüísticas: Sexo, Tiempo de Permanencia en Brasil, Compleción del Sujeto, Saliencia Fónica Verbal, Paralelismo Lingüístico a nivel discursivo y Grado de Determinación del referente sujeto. Nuestros resultados evidenciaron que, constatada la existencia de la variación, los informantes utilizan con mayor frecuencia la variante innovadora (*A gente*), representando el 54% de las ocurrencias. Asimismo, se constató que, cuando el tiempo de permanencia en Brasil superaba los seis meses, el número de ocurrencias de *A gente* por parte de los hablantes aumentaba al 58%, lo que confirma nuestra hipótesis inicial.

PALABRAS CLAVE: Variación; Pronombres de la primera persona del plural; São-Tomense.

Introdução

O presente estudo³ tem como foco principal descrever e analisar a variação de *Nós* e *A gente*⁴ (grafados assim para dar destaque) pelos estudantes oriundos do país africano São-Tomé e Príncipe, que faz parte dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), e que estão residindo no Brasil, à luz do suporte teórico da Sociolingüística Variacionista (Labov, 2008). Nesse viés, este estudo objetiva colaborar para a agenda de estudos sociolingüísticos sobre o fenômeno, além de

³ Este texto faz parte da dissertação de mestrado "O uso do *A gente* e do *Nós* pelos falantes dos PALOP" (Silva, 2022).

⁴ O pronome "*a gente*" é considerado como um pronome inovador porque representa uma forma emergente e crescente de uso em substituição ao tradicional pronome "*nós*" (forma cristalizada em todas as gramáticas normativas), especialmente na fala cotidiana do português brasileiro, conforme o estudo de Omena (2003) e outros estudos.

contribuir para a descrição da Língua Portuguesa.

O fenômeno foi e continua sendo bastante discutido nas variedades do português do Brasil, contudo ele ainda não foi discutido amplamente nas variedades africanas. Em relação às variedades do português europeu, encontra-se, ainda, incipiente. Nesse sentido, nossa hipótese principal é que o processo de assimilação do pronome *A gente* pelos falantes oriundos de São-Tomé e Príncipe ocorra pelo contato linguístico com falantes nativos do português brasileiro, ou seja, é possível que o uso do pronome inovador seja mais frequente entre os falantes que estão há mais de seis meses no Brasil. Assim, o tempo de permanência é um dos grupos de fatores controlados em nossa pesquisa.

A problemática principal deste estudo está de acordo com a hipótese principal apresentada anteriormente. Nesse viés, buscamos descobrir se o processo de assimilação do pronome *A gente* pelos estudantes de São-Tomé e Príncipe ocorre, realmente, pelo contato com o português brasileiro, pois, mesmo com o processo de variação, em que podemos falar de variedades do português africano, o ensino e divulgação da Língua Portuguesa nos PALOP é realizado, geralmente, utilizando uma variedade mais aproximada das variedades do português europeu. Assim, é possível que um maior uso da variante inovadora seja motivado a partir do contato dos estudantes oriundos de São-Tomé e Príncipe em um contato de maior duração com os falantes nativos do Brasil, apesar de que, embora ainda incipientes, existem pesquisas já realizadas nas variedades do português europeu, como a de Vianna (2016), as quais demonstram a ocorrência do *A gente* em Portugal. Na próxima seção, trazemos algumas informações geográficas e informações que revelam um pouco o contexto sociolinguístico do país São-Tomé e Príncipe.

Breve contexto sociolinguístico de São-Tomé e Príncipe

São Tomé e Príncipe (STP), composto por duas ilhas grandes (São Tomé e Ilha do Príncipe), de acordo com dados do Instituto Nacional de Estatísticas⁵ (2013, p. 36), possui uma área total de 1.001,0 km² e conta com uma população de 165.397

⁵ Cf. <https://www.ine.gov.ao/inicio/estatisticas> (INE, 2013).

habitantes. Conforme Balduino (2018 *apud* Santiago; Agostinho, 2020, p. 46), “o arquipélago apresenta grande riqueza de recursos naturais, culturais, étnicos e, também, grande variedade linguística. STP é reconhecido por seu caráter multilíngue, onde diferentes línguas convivem e mantêm-se em contato”.

De acordo com Bandeira (2018, p. 7-8):

[...] o português convive com outras línguas, sendo elas [...] o principense ou o lung'lé, (falado na região autónoma do Príncipe), o kabuverdiano (falado pelos descendentes dos cabo-verdianos), o angolár ou anguené (falado por uma pequena população do sul e do norte das ilhas), e o mais recente tonga (uma variante do português falado pelos descendentes dos angolanos e moçambicanos, cujo sotaque e entonação é diferente do português dos restantes santomenses).

Nessa perspectiva, Santiago e Agostinho (2020, p. 47) afirmam que “o português do Príncipe é notadamente dividido entre português como L1, para a maioria dos principenses, e como L2 para aqueles que falam o kabuverdiano como L1 e aprendem o português na escola” e que “o português é a língua mais falada em São Tomé e Príncipe, com 170.309 falantes”. Santiago (2015 *apud* Santiago; Agostinho, 2020, p. 47) nos revela ainda “que o santome tem se tornado a língua crioula mais falada, mesmo pelos outros grupos minoritários, mas é cada vez menos aprendida como língua materna, papel desempenhado pelo português”.

Desse modo, São Tomé é o terceiro país na ordem de porcentagem de falantes de português (depois de Portugal e Brasil), sendo o país africano onde mais se fala o português, e a variedade nacional chama-se português são-tomense. Além disso, as línguas crioulas faladas nesse país não gozam do estatuto de língua oficial, não possuem uma ortografia oficial e estão excluídas do sistema educativo.

Metodologia

O fenômeno da variação entre as formas pronominais de primeira pessoa do plural, o *Nós* e *A gente*, já é um dado comprovado a partir da realização de inúmeros trabalhos já publicados nas variedades do português brasileiro, como os de Lopes (1998), Franceschini (2011), Mendonça (2012), Mattos (2013) e o de Vianna (2016)

no português europeu. A importância de mais um estudo abordando esse fenômeno dá-se por se tratar de uma variedade do português ainda não observada, uma variedade africana, mais especificamente na variedade são-tomense, a partir de estudantes residentes no Brasil. Observemos alguns exemplos dessa variação retirados do *corpus* PROFALA (dados orais, conforme será explicado na seção metodológica):

- (1) [...] depois *Nos* temos também língua materna lingua típica do país que é a nossa identidade... (ST.6.H.418)
- (2) não *Nós* lá temos mas não falo (ST.0.M.451)
- (3) [...] mais difícil ate que inglês mas so que *A gente* não tece todos os detalhes... (ST.6.H.429)
- (4) não *A gente* faz na aliança francesa (ST.0.M.436)

O presente estudo possui uma abordagem qualitativa e quantitativa. Enquanto uma pesquisa qualitativa, envolve a análise, compreensão e interpretação dos dados coletados em relação ao fenômeno estudado (Apollinário, 2004, p. 151). Enquanto pesquisa quantitativa, “preocupa-se com representatividade numérica, isto é, com a medição objetiva e a quantificação dos resultados” (Zanella, 2006, p. 97). Ainda, conforme Zanella (2006, p. 96), “as pesquisas quantitativas utilizam uma amostra representativa da população para mensurar qualidades”.

O *corpus* utilizado neste estudo é o do projeto Variação e Processamento da Fala e do Discurso: análises e aplicações (PROFALA), sendo constituído com dados de fala do Português falado nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e Timor-Leste, a partir de estudantes que estão, ou estavam, residindo no Brasil.

Os dados foram obtidos pelos responsáveis do *corpus* através da realização de entrevistas com estudantes africanos e timorenses, com a utilização de um questionário adaptado do ALiB (Atlas Linguístico do Brasil), que foi aplicado nas entrevistas (Santos; Viana; Araújo, 2021, p. 47). Além do local de origem, o *corpus* traz informações sobre o tempo de permanência no Brasil e sobre o gênero dos

informantes.

A codificação dos dados presentes no PROFALA foi formatada da seguinte forma: País (ST: São-Tomé e Príncipe); Tempo de Estadia (0: Menos de seis meses; 6: Mais de seis meses) e Sexo/Gênero (H: Homem; M: Mulher). Assim, nos exemplos utilizados neste estudo constará essa codificação seguida da numeração referente à entrevista, ex.: “ST0H_18: Homem são-tomense com menos de seis meses no Brasil, referente à ocorrência encontrada de número 18”.

Extraímos do *corpus* PROFALA um total de 20 arquivos das entrevistas referentes aos informantes que serão aqui utilizados (falantes são-tomenses), o que totaliza 20 informantes distribuídos em sexo/gênero (feminino e masculino) e tempo de permanência no Brasil (superior ou inferior a seis meses). Os informantes foram estratificados da seguinte forma: dez homens (cinco com tempo de permanência inferior a seis meses e cinco com tempo de permanência superior a seis meses) e dez mulheres (cinco com tempo de permanência inferior a seis meses e cinco com tempo de permanência superior a seis meses).

Nas transcrições, há várias subseções disponíveis, mas optamos por utilizar a seção intitulada “Questionário Metalinguístico”, porque se trata de uma parte da entrevista em que o informante responde a questões abertas de forma mais subjetiva. Nesse contexto, ele se expressa mais informalmente e usa a língua de forma mais descontraída, e a língua utilizada de forma vernacular, ou seja, aquela utilizada no dia a dia, em contextos informais, é a que geralmente são utilizadas em pesquisas de cunho sociolinguístico.

Grupo de fatores

A partir da observação de análises realizadas em outros trabalhos, selecionamos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos para utilizar no presente estudo.

Grupo de variáveis extralinguísticas: Sexo e Tempo de permanência no Brasil. Em relação às variáveis extralinguísticas, convém explicitar que o fator idade –

bastante recorrente em estudos de cunho sociolinguístico e também importante indicador para a avaliação da possibilidade de que a variação seja indicativo de mudança em tempo aparente –, não será analisado em nossa pesquisa, pois o *corpus* que utilizamos não apresenta informações acerca da idade.

Grupo de variáveis linguísticas: Preenchimento do sujeito; Saliência Fônica Verbal; Paralelismo Linguístico de Nível Discursivo; Grau de Determinação do Referente Sujeito. A seguir, apresentamos cada fator dentre os grupos de variáveis em análise, utilizando pesquisas para a apresentação e explicação de cada um.

a) Sexo

O falar entre homens e mulheres pode ser muito diferente e, em distintas pesquisas acadêmicas, corrobora-se essa afirmação. Freitag (2015, p. 17) explica que “os primeiros estudos apontaram a preferência das mulheres por variantes linguísticas com maior prestígio, assim como a maior sensibilidade feminina ao prestígio social das formas linguísticas”, ou seja, nesse viés, as mulheres tendiam a ser mais conservadoras se a variante inovadora fosse estigmatizada e a serem inovadoras quando o inverso acontecia.

b) Tempo de Permanência no Brasil

Como o *corpus* disponibilizado pelo PROFALA é proveniente de informantes africanos que estão ou estavam residindo no Brasil, acreditamos que a análise desse grupo de fatores é bastante proveitosa para a nossa pesquisa.

Além disso, partindo da hipótese levantada na construção do projeto de pesquisa, é possível que o uso de *A gente* seja motivado, ou até mesmo influenciado, a partir do contato com falantes do Português Brasileiro (PB). Nessa perspectiva, analisaremos o tempo de permanência dos informantes no Brasil, dado fornecido pelo próprio *corpus*. Desse modo, os falantes estão estratificados entre os que estavam residindo aqui em até seis meses, ou superior a seis meses.

c) Preenchimento do Sujeito

Primeiro grupo de variáveis linguísticas controlado nesta pesquisa

relaciona-se ao preenchimento do sujeito. Bastante recorrente em análises da variação da primeira pessoa do plural (1PP), o preenchimento do sujeito diz respeito à presença ou à ausência do sujeito nas orações em que se localiza *Nós/A gente* nas falas dos informantes. Nessa perspectiva, utilizaremos dois contextos:

- I) se o sujeito é explícito na própria oração;
- II) se o sujeito não é explícito em contexto anterior (desinencial).

Também consideraremos como ocorrências desinenciais a presença das formas desinenciais -mos ou Ø que possuem o pronome *Nós* em oração anterior, e a presença das formas desinenciais -mos ou Ø que possuem o pronome *A gente* em oração anterior.

d) Saliência Fônica Verbal

A saliência fônica verbal foi utilizada em várias pesquisas de alternância pronominal entre *Nós* e *A gente*. Nessa perspectiva, decidimos utilizar a divisão apresentada por Rubio (2012):

Quadro 1 – Variável Saliência Fônica Verbal proposta por Rubio (2012).

| |
|--|
| I) saliência esdrúxula - a forma de primeira pessoa do plural é proparoxítona e a oposição vogal/vogal-mos não é tônica nas duas formas. Ex. cantava/cantávamos, fazia/fazíamos, tivesse/tivéssemos; |
| II) saliência máxima - ocorre mudança no radical e a oposição vogal/vogal-mos é tônica em uma ou duas formas. Ex.: é/somos, fez/fizemos, veio/viemos; |
| III) saliência média - ocorre uma semivogal na forma de terceira pessoa do singular que não ocorre na forma de primeira pessoa do plural e a oposição vogal/vogal-mos é tônica nas duas formas. Ex.: comprou/compramos, foi/fomos, partiu/partimos, vai/vamos; |
| IV) saliência mínima - a oposição vogal/vogal-mos é tônica em uma ou nas duas formas, mas não há mudança no radical. Ex.: assiste/assistimos, canta/cantamos, dá/damos, está/estamos, fazer/fazemos, faz/fazemos, lê/lemos, será/seremos, trouxe/trouxemos, tem/temos. |

Fonte: Rubio (2012).

Alguns exemplos retirados do *corpus* PROFALA:

- Saliência esdrúxula

(5) a materna [*Nós*] poderíamos [poderia]⁶ dizer que é o foro (ST.0.H.375)

(6) *A gente* nunca ficava [ficávamos] dialeto (ST.6.H.414)

⁶ A ocorrência entre colchetes sinaliza a oposição proposta pela saliência fônica.

- Saliência máxima

- (7) tipo *A GENTE* já á [é⁷/somos] repreendido a aprender o português
(ST.6.M.467)

Para a saliência máxima não foram encontradas ocorrências de uso com o pronome de primeira pessoa do plural *Nós*.

- Saliência média

- (8) depois *A gente* vai [vamos] entra na num primário (ST.0.H.393)
(9) depois de primaria *A gente* vai [vamos] pra secundaria (ST.6.H.434)

Para a saliência média não foram encontradas ocorrências de uso com o pronome de primeira pessoa do plural *Nós*.

- Saliência mínima

- (10) *A gente* usa [usamos] pouco só de brincadeira (ST.6.M.469)
(11) mas se tipo eu quiser muita *gente* tamos a conversar [*Nós*] [usa] usamos o dialeto (ST.6.M.465)

e) Paralelismo linguístico de nível discursivo

O paralelismo linguístico de nível discursivo diz respeito a uma propensão que o falante tem a repetir uma mesma forma em uma sequência discursiva. Desse modo, utilizaremos um recorte das variantes sugeridas por Rubio (2012), conforme o quadro a seguir:

Quadro 2 – Paralelismo Linguístico de Nível Discursivo proposto por Rubio (2012).

| |
|---|
| I. forma isolada ou primeira de uma série; |
| II. forma precedida de <i>Nós</i> explícito; |
| III. forma precedida de verbo em 1PP (sujeito desinencial); |
| IV. forma precedida de <i>A gente</i> explícito. |

Fonte: Rubio (2012)

⁷ A presença desse é entre colchetes sinaliza a correção do que acreditamos que o falante tenha intencionado falar, considerando o restante da construção frasal.

Alguns exemplos retirados do *corpus* PROFALA:

I- forma isolada ou primeira de uma série;

- (12) as pessoas tem um pouco de dificuldade pra *Nós* falamos muito rápido (ST.0.M.450)
(13) língua materna lá é o crioulo forro mas *gente* lá fala português (ST.6.H.403)

II- forma precedida de *Nós* explícito;

- (14) [...] mas *Nós* jovens que falamos o crioulo... (ST.0.M.454) / [...] *Nós* já não entendemos os sentidos dos provérbios... (ST.0.M.455)
(15) *Nós* usamos francês (ST.0.H.395) / [...] aí só quando eu chegava assim de férias é que *A gente* usava francês com ele (ST.0.H.396)

III- forma precedida de verbo em 1PP (sujeito desinencial);

- (16) uma coisa ou outra quando [*Nós*] tamos tamos assim com os colegas ou mesmo com os pais (ST.0.H.387)
(17) às vezes [*A gente*] fala português e um cadinho de dialeto o agenhé (ST.0.H.373)

No exemplo 16, temos um pronome de 1PP, o *Nós*, utilizado de modo desinencial precedido do verbo “estamos”, reduzido para a forma “tamos”. E, no exemplo 17, temos o *A gente* de modo desinencial precedido do verbo “falar”, flexionado conforme o pronome.

IV- forma precedida de *a gente* explícito.

- (18) quem *A gente* tem jardim (ST.0.H.391) / onde *Nós* aprendemos ABCD (ST.0.H.392)
(19) depende de quando *A gente* ta envolvido são tomeenses brasileiros (ST.0.H.376) / e angolanos *A gente* () brincamos (ST.0.H.377)

No exemplo 18, o falante primeiro utiliza *A gente* e, em seguida, utiliza o

pronome *Nós*. No exemplo 19, o falante utiliza a forma inovadora e, em seguida, a utiliza novamente.

f) Grau de determinação do referente sujeito

A determinação do referente sujeito tem sido frequentemente utilizada nas pesquisas de variação pronominal. Nessa perspectiva, adotaremos o recorte da classificação proposta por Rubio (2012):

Quadro 3 – Grau de Determinação do Referente Sujeito proposto por Rubio (2012).

| |
|---|
| I) referência genérica e indefinida: quando o pronome remete a uma categoria generalizada e indeterminada de indivíduos, geralmente com referência a pessoas ou a grupos. |
| II) referência genérica e definida: quando o pronome remete a uma categoria generalizada, mas determinada de indivíduos. Nesse contexto, fica claro que o falante tem consciência de determinado grupo de indivíduos, no qual ele próprio está incluso, por exemplo, as pessoas do trabalho, do futebol, da família, do bairro. |
| III) referência específica e definida: quando o pronome remete a uma categoria específica e determinada de indivíduos, em que o falante se inclui junto a outro referente também específico. A recuperação do referente é feita com exatidão no contexto evidenciado em períodos posteriores ou anteriores. |

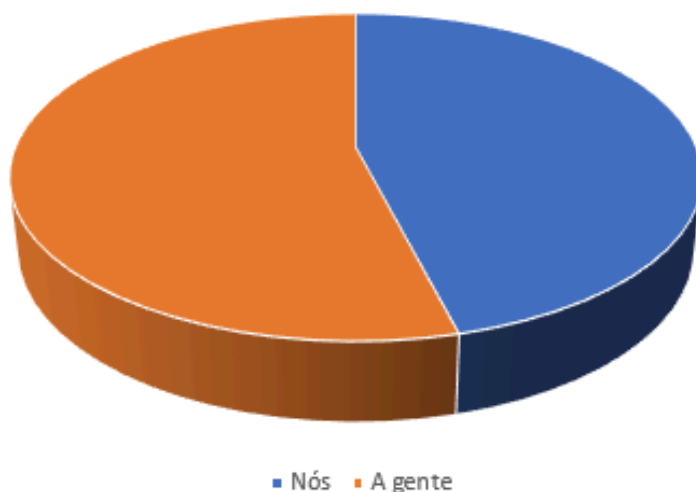
Fonte: Rubio (2012).

Na próxima seção, realizamos a análise de dados a partir do *corpus* PROFALA, utilizando os grupos de fatores elencados nesta seção.

Análise

Realizamos uma análise baseada nos números de ocorrências, ou seja, com base na frequência de uso. Desse modo, apresentaremos os dados percentuais das variantes, visando a facilitar a observação destes. Em nossa análise, foram encontradas um total de 100 ocorrências das formas *Nós* e *A gente*. Dentre elas, identificamos que 46 são do uso do pronome *Nós* e 54 são relativos ao uso de *A gente*, conforme demonstrado no gráfico 1:

Gráfico 1 – Dados Gerais.



Fonte: Elaborada pelos autores.

Assim, de acordo com o resultado exposto no gráfico 1, é possível identificar que a variação pronominal da primeira pessoa do plural é existente na fala de estudantes são-tomenses residentes no Brasil e que, além disso, o uso da variante inovadora (54%) é superior ao da variante conservadora (46%).

Em seguida, na tabela 1, apresentamos os resultados da análise dos grupos de fatores extralinguísticos que foram testados em nossa pesquisa: sexo e tempo de permanência no Brasil.

Tabela 1. Variáveis extralinguísticos testados.

| | | Nós | A Gente | Total |
|----------------------|--------------------|----------------------|----------------------|------------------|
| SEXO | MASCULINO | 32 ocorrências / 48% | 34 ocorrências / 52% | 66 ocorr. / 100% |
| | FEMININO | 14 ocorrências / 41% | 20 Ocorrências / 59% | 34 ocorr. / 100% |
| TEMPO DE PERMANÊNCIA | INFERIOR A 6 MESES | 25 ocorrências / 50% | 25 ocorrências / 50% | 50 ocorr. / 100% |
| | SUPERIOR A 6 MESES | 21 ocorrências / 42% | 29 ocorrências / 58% | 50 ocorr. / 100% |

Fonte: Elaborada pelos autores.

De acordo com a tabela 1, observamos que tanto o sexo masculino (52%), exemplos 20 e 21, quanto o sexo feminino (59%), exemplos 22 e 23, realizam um maior uso da variante inovadora; contudo, podemos perceber que, em ambos, o

número de ocorrências é bem próximo ao da variante conservadora.

(20) *A gente* fica sem entender (ST.0.H.386)

(21) mas ne muita coisa porque *A gente* não fala assim (ST.0.H.388)

(22) eles é que não entendem quando *A gente* fala (ST.0.M.442)

(23) eu e aquela moça *A gente* entende (ST.0.M.443)

De acordo com a tabela 1, os falantes inferiores a seis meses no Brasil realizam o uso das duas variantes por igual, com 50% cada, exemplos 24 e 25. Já em relação aos falantes que residem a um período superior a seis meses, estes realizam um maior uso da variante inovadora, com 58% (exemplos 26 e 27), entretanto, convém mencionar que a diferença é baixa.

(24) [*Nós*] não falamos assim muito (ST.0.H.390)

(25) e ao telefone *A gente* fala mais é francês (ST.0.H.398)

(26) mas eles achavam é *A gente* que falava tão rápido (ST.6.H.415)

(27) tem certas coisa do foro que *A gente* dizer que assassina a língua portuguesa (ST.6.M.464)

Os resultados referentes ao tempo de permanência confirmam, parcialmente, nossa hipótese de que o maior uso da variante inovadora pode estar relacionado ao fato de os participantes estarem imersos em contexto de fala da variedade brasileira, pois podemos observar que as ocorrências nos estudantes que estavam aqui a um período menor que seis meses foram iguais, mas, em relação aos estudantes que já estavam a mais de seis meses, a diferença foi apenas de oito ocorrências a mais.

Na tabela 2, temos os resultados provenientes dos grupos de fatores linguísticos testados em nossa pesquisa:

Tabela 2 – Variáveis linguísticas testadas.

| | | NÓS | A GENTE | TOTAL |
|--------------------------|---------|----------------------|----------------------|------------------|
| PREENCHIMENTO DO SUJEITO | TIPO I | 23 ocorrências / 30% | 53 ocorrências / 70% | 76 ocorr. / 100% |
| | TIPO II | 23 ocorrências / 96% | 1 ocorrências / 4% | 24 ocorr. / 100% |

| | | | | |
|--------------------------------|---------------------|------------------------|-------------------------|------------------|
| SALIÊNCIA FÔNICA | S. ESDRÚXULA | 2 ocorrências / 33,4% | 4 ocorrências / 66,6% | 6 ocorr. / 100% |
| | S. MÁXIMA | 2 ocorrências / 50% | 2 ocorrências / 50% | 4 ocorr. / 100% |
| | S. MÉDIA | 2 ocorrências / 33,4% | 4 ocorrências / 66,6% | 6 ocorr. / 100% |
| | S. MÍNIMA | 42 ocorrências / 50% | 42 ocorrências / 50% | 84 ocorr. / 100% |
| PARALELISMO LINGÜÍSTICO | TIPO I | 22 ocorrências / 40% | 33 ocorrências / 60% | 55 ocorr. / 100% |
| | TIPO II | 10 ocorrências / 83% | 2 ocorrências / 17% | 12 ocorr. / 100% |
| | TIPO III | 10 ocorrências / 89% | 1 ocorrências / 11% | 11 ocorr. / 100% |
| | TIPO IV | 4 ocorrências / 16,66% | 18 ocorrências / 83,34% | 24 ocorr. / 100% |
| GRAU DE REFE-RÊNCIA | TIPO I | 30 ocorrências / 45% | 36 ocorrências / 55% | 66 ocorr. / 100% |
| | TIPO II | 12 ocorrências / 46% | 14 ocorrências / 54% | 26 ocorr. / 100% |
| | TIPO III | 4 ocorrências / 57% | 3 ocorrências / 43% | 7 ocorr. / 100% |

Fonte: Elaborada pelos autores.

Na variável de preenchimento do sujeito, a variante inovadora é mais realizada quando se trata do tipo I (sujeito explícito na própria oração), com 53 ocorrências (70%), ver exemplos abaixo. Já no tipo II (sujeito não explícito ou desinencial), houve o favorecimento do uso da variante conservadora, com 23 ocorrências (96%).

(28) é porque língua portuguesa é muito complicado tem() de regras *A gente* aprende um momento (ST.6.M.458)

(29) momentos *A gente* sabe ali mais depois (ST.6.M.459)

A saliência fônica verbal é definida como “uma hierarquia das formas verbais em função do contraste entre a forma com a desinência e a 3a pessoa do singular” (Zilles; Batista, 2006, p. 105). Nesse viés, a saliência fônica consiste, fundamentalmente, de acordo com Lopes (1998), na ocorrência:

Entre duas formas niveladas, que se opõem, é mais provável a manutenção dessa oposição quando existe, entre elas, uma diferenciação fônica acentuada. Caso contrário, ou seja, quando for menor essa distinção, há uma tendência de se neutralizar a oposição e prevalecer o uso de apenas

uma das formas (Lopes, 1998).

O estudo de Naro, Görski e Fernandes (1999) comprova que, quanto maiores os níveis de saliência entre as formas verbais, maior a frequência de uso da forma de 1PP, seja o uso de *Nós* ou de *A gente*. Assim, à medida que o nível de saliência aumenta, há também o aumento da frequência de aplicação da desinência de 1PP.

Nos resultados em relação à saliência fônica, temos que, na saliência mínima, em que se concentra o maior número de dados, obtivemos 84 ocorrências ao total entre as duas variáveis, sendo o total correspondente ao *Nós* e *A gente* com o número igual de ocorrências, ver os exemplos abaixo:

(30) Lá infelizmente [*Nós*] usamos, os jovens usam mais o português...
(ST.0.M.456)

(31) é que alguns falam português alguns a falar o crioulo e [*Nós*] temo mais ou menos três tipos de crioulo na cidade (ST.6.M.457)

(32) é:: *A gente* usa mais dialeto (ST.0.M.448)

(33) desde criança *A gente* fala a língua portuguesa (ST.0.M.449)

O paralelismo formal pode acontecer “seja dentro de um sintagma, seja entre orações, por influência, dependendo do fenômeno, de fatores pragmático-discursivos” (Lopes, 1998, p.11). Dessa maneira, conforme testado em diversas pesquisas, acreditamos que, quando o falante escolhe determinada forma, ele irá repeti-la caso não haja mudança do referente. Assim, Omena (2003, p. 72) conclui que:

uma vez que usou a forma *a gente* e vai nomear o mesmo referente (*a gente*, referente igual), o falante a repete, [...], ao contrário, se a forma usada antes foi *nós* e o falante continua a referir-se ao mesmo grupo (*nós*, referência igual), a probabilidade é que ele siga usando *nós* (Omena, 2003, p. 72).

Partindo, então, da hipótese de que a primeira realização do pronome desencadeia a repetição deste – ou seja, se o falante iniciar uma sequência discursiva utilizando o pronome *Nós*, é possível que continue utilizando o mesmo pronome nas proposições seguintes, que pode ocorrer de modo implícito ou explícito

– , o mesmo pode ocorrer se ele optar por usar o *A gente*.

De acordo com a tabela 2, em relação ao paralelismo formal, as ocorrências isoladas, ou primeira de uma série, favoreceram a variante inovadora com 60%, (ver exemplos 34 e 35), e, no tipo IV, ou seja, quando precedida de *A gente* explícito, com 83,34% (ver exemplos 36 e 37).

(34) *A gente* passa por jardim (ST.0.M.452)

(35) tem certas coisa do foro que *A gente* dizer que assassina a língua portuguesa (ST.6.M.464)

(36) te eles compreendem o dialeto que *A gente* fala (ST.0.M.437) / [...] as vezes *A gente* pensa que eles tão cantando (ST.0.M.438)

(37) não *A gente* fala português em casa (ST.0.M.446) / só que que como tem lá em sã tome *A gente* fala poço português (ST.0.M.447)

Na última variável testada em nossa pesquisa, o grau de determinação da referência do sujeito, é possível observar, no uso cotidiano da língua, que formas pronominais são frequentemente utilizadas com a função de indeterminar o sujeito em diversas línguas, incluindo o Português Brasileiro. Na gramática tradicional, geralmente são citadas somente duas formas de se realizar essa indeterminação: “a) com o verbo na 3.^a pessoa do plural sem sujeito; e b) com o pronome -se junto ao verbo na 3.^a pessoa do singular” (Cunha; Cintra, 2001, p. 128). Contudo, conforme vários estudos atestaram, há variadas formas e grande diversidade de recursos para se indeterminar o sujeito além das que são abordadas pelas gramáticas tradicionais. Dentre essa variedade, a determinação do referente tem se destacado como uma variável relevante para a escolha do pronome – no nosso caso, a alternância pronominal entre *A gente* e *Nós*. Franceschini (2011, p. 114) aponta que, de modo geral, “nós geralmente refere-se a um sujeito mais determinado, enquanto *a gente* seria mais utilizado com referente indeterminado, mesmo que também seja amplamente usado em referência à 1.^a pessoa do plural”.

De acordo com a tabela 2, nas ocorrências do tipo I (referência genérica e indefinida), com 55%, e do tipo II (referência genérica e definida), com 54%, os falantes realizaram um maior uso da variante inovadora – observar exemplos 38 e

39 respectivamente –, já a variante conservadora foi influenciada pelas ocorrências do tipo III (referência específica e definida), com 57% – ver exemplo 40.

(38) mas fora isso aí *A gente* tem o nosso não sei se é crioulo ou dialeto (ST.6.H.400)

(39) lá em casa *A gente* ficava uma semana (ST.6.H.413)

(40) e aí: *Nós* eu e os meus irmão (ST.0.H.394)

Realizadas nossas análises, partimos para as considerações finais em relação ao estudo, na próxima seção.

Considerações finais

Este estudo teve como objetivo realizar a descrição e a análise da variação entre *Nós* e *A gente* a partir da fala de estudantes são-tomenses. Para isso, utilizamos dados provenientes do *corpus* PROFALA de 20 informantes que estavam estudando e residindo no Brasil.

Conforme observado em nossas análises, podemos constatar que os estudantes de São-Tomé e Príncipe, no Brasil, com 54% do total dos dados, utilizam mais a variante inovadora *A gente*. Nossa hipótese inicial era a de que o uso da variante inovadora *A gente* fosse realizada com maior frequência pelos estudantes são-tomenses que estavam residindo no Brasil por mais tempo, pois o maior contato com falantes brasileiros poderia ocasionar um processo de assimilação, o que influenciaria no uso mais frequente da variante inovadora. Assim, conforme nossa análise, foi possível constatar que a realização do pronome inovador é igual ao pronome conservador quanto aos falantes que aqui estavam até seis meses, mas, quando o tempo de permanência no Brasil ultrapassa seis meses, o número de ocorrências de *A gente* é maior em número de ocorrências, com 58%.

Desse modo, este trabalho conseguiu confirmar a variação existente entre *Nós* e *A gente* como formas alternantes na 1PP e descrever alguns fatores que condicionam seus usos em estudantes de origem são-tomense residindo no Brasil. Convém mencionar que a análise em relação a se a variação aponta ou não indícios de mudança não foi possível de ser feita, já que o *corpus* PROFALA não possui

falantes de gerações diferentes, pois a faixa etária dos informantes é bem próxima entre si, como visto na seção metodológica.

Nesse viés, o presente trabalho visa contribuir para futuras pesquisas na área e na descrição do português africano. Além disso, apesar da pouca quantidade de dados encontrados no *corpus*, acreditamos que o presente estudo, além do fato de se tratar de um recorte de um estudo mais amplo, pode contribuir para que o fenômeno seja revisto futuramente com a utilização de um *corpus* maior; porém, acreditamos que a divulgação desse estudo seja de igual importância para a agenda sociolinguística e para a descrição do português africano, como citado acima.

Referências

- A POLLINÁRIO, F. *Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento científico*. São Paulo: Atlas, 2004.
- BANDEIRA, J. do R. *Diversidade linguística na lusofonia: o ensino de Português em São Tomé e Príncipe*. 2018. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado Curso de Letras-Língua Portuguesa) - Instituto de Humanidades e Letras - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2018.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *A nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FRANCESCHINI, L. T. *Variação pronominal nós/a gente e tu/você em Concórdia-SC*. 2011. 250 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.
- FREITAG, R. M. K. (Re) Discutindo sexo/gênero na sociolinguística. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (org.). *Mulheres, linguagem e poder: estudos de gênero na sociolinguística brasileira*. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2015. p. 17-74.
- INE - INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *Estatísticas da CPLP*. Lisboa: INE, 2013. Disponível em: <https://www.ine.gov.ao/inicio/estatisticas>. Acesso em: 26 mar. 2022.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LOPES, C. R. dos S. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 14, p. 405-422, 1998.

MATTOS, S. E. R. *Goiás na primeira pessoa do plural*. 2013. 137 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

MENDONÇA, A. K. de. *Nós e a gente na cidade de Vitória: análise da fala capixaba*. *PERcursos Linguísticos*, Vitória, v. 2, n. 4, p. 1–18, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/3173>. Acesso em: 26 mar. 2022.

NARO, A. J.; GÖRSKI, E.; FERNANDES, E. Change without change. *Language Variation and Change*, New York, v. 11, n. 2, p. 197-211, 1999.

OMENA, N. P. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, M. da C.; DUARTE, M. E. L. (org.) *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2003.

RUBIO, C. F. *Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português Brasileiro e no português europeu: estudo sociolinguístico comparativo*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. (Coleção PROPG Digital - UNESP). Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/109234>. Acesso em: 15 nov. 2022.

SANTIAGO, A. M.; AGOSTINHO, A. L. Situação linguística do português em São Tomé e Príncipe. *Revista A Cor das Letras*, Feira de Santana, v. 21, n. 1, p. 39-61, 2020.

SANTOS, H. L. G. dos S.; VIANA, R. B. de M.; ARAÚJO, A. A. de. Panorama do estudos sociolinguísticos no Ceará. In: ARAÚJO, A. A. de; VIANA, R. B. de M.; RODRIGUES, L. da S. *O falar culto de Fortaleza em foco*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. p. 20-54.

SILVA, K. J. L. da. *O uso do A gente e do Nós pelos falantes dos PALOP*. 2022. 108 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Instituto de Linguagens e Literaturas, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Acarape, 2022.

VIANNA, J. B. de S. *A variação entre nós e a gente: uma comparação entre o português europeu e o português brasileiro*. *Revista do GELNE*, Natal, v. 14, n. 1/2, p. 95-116, mar. 2016.

ZANELLA, L. C. H. *Metodologia da pesquisa*. Florianópolis: SEAD: UFSC, 2006.

ZILLES, A. M. S.; BATISTA, H. H. R. B. A concordância verbal de primeira pessoa do plural na fala culta de Porto Alegre. In: VANDRESEN, P. (org). *Variação, mudança e contato lingüístico no português da região sul*. Pelotas: Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2006, p. 99.

Recebido em: 14 nov. 2024.
Aprovado em: 15 mai. 2025.

Revisor(a) de língua portuguesa: Lara Guilherme
Revisor(a) de língua inglesa: Lucas Ricci
Revisor(a) de língua espanhola: Milena Patricia de Lima

